

**Teresa Pinto Coelho, *Eça de Queirós no Egipto e a Abertura do Canal de Suez: Viagem, Orientalismo e Império*. Lisboa: Tinta da China, 2024, 366 pp.  
ISBN: 9789896718732.**

*Rogério Miguel Puga*  
(NOVA FCSH/CETAPS)

Entre 16 e 25 de Novembro de 1869, com 23 anos, Eça de Queirós viaja pela primeira vez ao estrangeiro e testemunha, na companhia do conde de Resende, que o convidara, a inauguração do Canal de Suez, talvez como correspondente do *Diário de Notícias*. Em 1926, o filho do romancista publica postumamente grande parte do inovador relato com o título *O Egipto: Notas de Viagem* que Teresa Pinto Coelho – Professora Catedrática da Universidade Nova de Lisboa agraciada, em 2022, com o título *Honorary Research Fellow* pela Universidade de Oxford – estuda, de forma interdisciplinar, em *Eça de Queirós no Egipto e a Abertura do Canal de Suez: Viagem, Orientalismo e Império* (EQEACS), na senda de vários artigos seus sobre o romancista e da monografia *Londres em Paris: Eça de Queirós e a Imprensa Inglesa* (2010), publicada, em inglês, com o título *Eça de Queirós and the Victorian Press* (Tamesis, 2014). EQEACS venceu o Prémio Grémio Literário 2024 por, de acordo com a justificação do Grémio Literário, constituir

um contributo de grande valia não apenas para o melhor conhecimento da personalidade de Eça de Queirós como romancista, mas também da época em que viveu. A obra (...) evidencia-se pela grande qualidade

científica e literária e por fornecer elementos preciosos para o conhecimento do período que estuda. Há uma feliz associação do percurso do jovem romancista, a sua inserção no Portugal do seu tempo e uma análise das circunstâncias internacionais que conduziram à construção do Canal do Suez.

A monografia começa por se deter na bagagem intelectual do jovem viajante para contextualizar histórica, artística, intertextual, cultural e cuidadosamente a expedição, cujo itinerário orientalista é reconstituído e analisado através de um sedutor enredo (ou estrutura) que a autora concebe para, com a já habitual mestria, nos convidar, desde a antecâmara e a introdução, a acompanhar Eça e desvendar as especificidades e os ganhos da *Bildungsreise* do futuro autor de *Os Maias* ao longo de um processo cumulativo, como revela, desde logo, o índice deste estudo seminal. *EQEACS* preenche agora um vazio no âmbito quer dos estudos sobre o imperialismo europeu e o orientalismo, quer de estudos queirosianos, anglo-portugueses e sobre a escrita de viagens oitocentista na medida em que até agora tinham sido publicados sobretudo artigos (há já algum tempo) sobre o relato a que não tem sido dada muita atenção, bem como o livro *Eça de Queirós e o Egipto Faraónico* (1987), de Luís Manuel de Araújo.

A escrita e a leitura de *EQEACS* são viagens que a autora e o leitor fazem paralelas à do jovem Eça excursionista, “colorista de cenas, paisagens e monumentos” (129) e “pintor de costumes” (188) no Egipto (estendendo-se a viagem também à Palestina de então e ao actual Líbano). A queirosiana narrativa de Teresa Pinto Coelho cartografa a estrutura e as estratégias narrativas de cada capítulo do relato, bem como a viagem física, interior e literária do “repórter-peregrino” (267) e enfatiza a sua entrada num novo mundo, “o verdadeiro Oriente”, ou seja, o Cairo “das *Mil e Uma Noites*”, (129) após visitar Alexandria. (120-126) Os inúmeros temas abordados pelo viajante – dos museus e ruas aos haréns e eroticizados banhos turcos, da política à religião “outrificadas” ou exotizadas, dos festejos a espaços religiosos – são estudados de forma interdisciplinar com base numa apurada e longa lista de estudos e conceitos que familiarizam o leitor com investigações em várias áreas do saber, da escrita de viagens e do orientalismo

à ciência política, à antropologia e aos estudos anglo-portugueses, rumo ao Egipto “eterno” (303) e ao episódio histórico que dá título à obra. Os inúmeros estrangeirismos veiculam topónimos e práticas, agentes e conceitos culturais específicos – do *dragoman* (151) e das *Ghawasis* (235) aos *fellahin* (247) à Shubra e aos *ulama* (184) –, estimulam a curiosidade do leitor, sobretudo a partir da visita ao Cairo que, como explica Teresa Pinto Coelho, é a verdadeira fronteira entre o mundo de Eça e o encantatório Oriente (130-131) também idealizado (139) e simbolizado amiúde pela dinâmica paisagem nilótica (134-136, 195) que o viajante também exotiza. (151-159) Como o estudo demonstra, Eça ocupa-se de vários temas da cultura, política, religião, história e do quotidiano do Egipto, como o património histórico e etnográfico, o trabalho agrícola, a família, as lendas e a geografia (194-195, 202-206, 214-223) ao viajar entre localidades que textualiza com base na observação directa e em leituras de relatos e guias de viagem franceses e ingleses sobre o Egipto, (196-199) sobretudo masculinos, em que a mulher, as dançarinas (*Ghawasis*) e o inacessível harém marcam presença, servindo também para questionar o leitor e desconstruir estereótipos. (224-246)

A antecâmara comenta a investigação (na Biblioteca Nacional de Portugal e em arquivos e bibliotecas da Fundação Eça de Queiroz, da Universidade de Oxford e do Institut du Monde Arabe) e a metodologia exigidas para estudar e acompanhar a viagem queirosiana, e, como as antecâmaras das pirâmides, convida o “viajante” a entrar noutra dimensão e acompanhar o fascínio e a curiosidade pessoais de Eça de Queirós e de Teresa Pinto Coelho pelo Egipto, apegos que pautam e enriquecem o estudo sobre “um relato de viagem não publicado pelo próprio autor e com reconhecidos problemas editoriais”. (10) A *anecdote* inicial que fantasia um Eça regressado do Oriente aligeira o documentário com que a autora nos brinda, ao “observar” a viagem de Eça através de uma espiral cumulativa de saberes que também caracteriza (e ecoa) a viagem. Esse episódio literário serve ainda de mote para a contextualização informada da “moda” orientalista europeia e do *Grand Tour* pelo Médio Oriente, cuja rota intertextual Eça segue (em parte), como o estudo informa. *EQEACS* revela a demorada e

interdisciplinar investigação ao apresentar o “estado da arte” e inúmeras curiosidades sobre a viagem e a juventude de Eça e ao revisitar as especificidades e os contextos de cada fase da expedição, com base no cotejamento do “acervo heterogêneo” de textos queirosianos sobre esse itinerário (nomeadamente os manuscritos indecifráveis, 19-32), a par dos mais variados estudos e fontes históricas, avançando novas possibilidades e rejeitando outras, como a possibilidade de Eça ter viajado em representação nacional, (19) ou as hipóteses para o autor não ter publicado o planeado volume *Jerusalém e o Cairo*, (29-30) apesar de, ao longo da sua carreira, ter regressado a temas sobre o Egipto, (30-31) com humor, coerência e espírito crítico, (32) como demonstra Teresa Pinto Coelho. Na página 33, a autora, que já partilhou (32) e partilhará (98) com o leitor, incertezas impossíveis de estudar, apresenta a metodologia por si cuidadosamente adoptada, nomeadamente a consulta quer de clássicos (da Bíblia às *Mil e Uma Noites*, 62-71), pinturas e fotografias orientalistas, (58-62) estudos sobre política, etnografia, história da religião, o Egipto como espaço político, social, arqueológico, (52-58) colonial e de guerra exibido em exposições europeias, (56-58) o “tecnológico” Canal (46-52) e a viagem em geral no século XIX, quer de um impressionante número de guias (cinco) e relatos (quinze sobre Egipto e doze sobre a abertura do Canal) de viajantes europeus coevos, (71-79) mapas e catálogos de exposições, tendo optado também por viajar, ou seja, fazer trabalho de campo, pelos locais percorridos por Eça.

O capítulo primeiro analisa as possíveis fontes consultadas por Eça sobre o geoestratégico (40) Canal para construir a sua própria narrativa (portuguesa) sobre a inauguração. O capítulo segundo do estudo corrige datas que têm sido apontadas em estudos queirosianos sobre a viagem (103, 106) que, até ao Cairo, é feita de paragens obrigatórias, sem grande interesse para Eça, como revela o capítulo terceiro. O capítulo quarto é, segundo a autora, o mais importante e acompanha o romancista ao entrar no “Oriente” do imaginário ocidental e analisa o relato sobre o Cairo e as considerações de Eça sobre o Egipto islâmico, antes de se ocupar quer dos artigos por ele publicados no *Diário de Notícias* e que descrevem a navegação-inauguração

do Canal, quer o impacto da viagem na obra do autor. Para o fazer, Teresa Pinto Coelho afasta-se um pouco, através da leitura de outros críticos, de *Orientalism* e dos pressupostos a-históricos de Edward Said, uma vez que “reduzir narrativas de viagem a um discurso essencialista de superioridade e veículo de poder ocidental é muito redutor” (35) e analisa o conceito de ambiguidade de Bhabba (36-37) que recuperara ao longo do seu texto, (138, 239) bem como o advento dos estudos pós-coloniais antes de estudar o relato de Eça, autor curioso e cosmopolita que, como ficamos a saber mais tarde, (247-261) estava familiarizado com a luta de poder colonial franco-britânica, com o sofrimento e as condições de trabalho dos *fellahin* durante a construção do Canal e com a espoliação do Egipto subalternizado pelos europeus. O texto de Eça revela a superioridade cultural e de classe do autor, o seu desejo de veicular a autenticidade do percurso e das experiências e a singularidade do próprio viajante (64) perante o espectáculo da alteridade, (137) mesmo quando “tenta rentabilizar o que não conseguira publicar” (180) ou quando se assume como analista político e oferece ao leitor, de forma original, um retrato político e social do Egipto (afrancesado) de Ismail através de uma personagem por si criada, o engenheiro do Canal, informante com quem dialoga e que não surge no caderninho de viagem, como informa Teresa Pinto Coelho, (247-266) que nos demonstra que Eça lera o relatos de Du Camp, os guias de Joanne e Islambert e o romance de About sobre o Egipto de então, autores cujas ideias também contrapõe, sendo “nas diferenças em relação ao que lê que reside a originalidade e a relevância do que escreve” (266) a partir das suas observação directa e reflexão crítica. Aliás, *o Egipto: Notas de Viagem* ganha uma nova relevância se recordarmos a reinauguração do canal em 2015, como a autora recorda (40-41, 304) neste estudo cujo subtítulo enumera as suas três maiores temáticas que, como sabemos, se interseccionam: *Viagem, Orientalismo e Império*.

Para além dos temas mais comuns em relatos de viagens, Teresa Pinto Coelho estuda os ilustres convidados (europeus e orientais) do *Khedive* Ismail durante as cerimónias, convivas que caracteriza como elementos da *performance* de exibição de poder político,

(81-89) explicando ainda o facto de Eça não visitar o Alto Nilo (88) ao guiar o leitor pelas várias etapas e dimensões sensoriais da viagem, das paisagens olfactivas às sonoras, (176-179) impressões que, aliás, complementam o conteúdo dos relatos estrangeiros sobre as festividades após a inauguração. O capítulo V analisa a descrição crítica das festividades da inauguração do Canal e a posterior peregrinação de Eça rumo às origens do Cristianismo, as Fontes de Moisés, em quatro artigos que o autor, “fascinado”, (288) publica no *Diário de Notícias*, em Janeiro de 1870, enfatizando as diferenças entre *O Egipto* e as peças jornalísticas (orientalistas) entre si (267-302) que omitem paisagens e práticas consideradas mais transgressoras, como o banho turco. (240-246) A apurada reconstituição do itinerário queirosiano desde Lisboa (89-106) identifica vários “vazios” sobre a viagem, das escalas e companhias marítimas utilizadas às luxuosas condições da viagem, que são agora preenchidos pela investigação de Teresa Pinto Coelho com base em guias e relatos, bem como na história de empresas como a Peninsular and Oriental Company, (92-95) em informação e nas aventuras autobiográficas egípcias que Eça inseriria posteriormente na sua ficção, nomeadamente em *A Correspondência de Fradique Mendes* e *O Mistério da Estrada de Sintra*, (95-97, 105, 114, 118-119, 180) a par da sua antipatia pela administração colonial inglesa, (292) nomeadamente em Gibraltar (112-114) e em Malta, (115-119) apesar de admirar a cultura britânica. (99) EQEACS ocupa-se amiúde das influências possíveis que Eça terá “absorvido” de autores ingleses e franceses, como Taine, (108-111, 136) entre outros, (134-135, 148-149, 165-167) e que informam o orientalismo queirosiano, e analisa os principais temas da viagem ao ambíguo e *uncanny* “Oriente eterno”. Teresa Pinto Coelho elabora um retrato identitário do famoso viajante-escritor a reflectir sobre vários Outros sociais, culturais e transnacionais ao longo da sua *Bildungsreise* que lhe permite apreciar o Canal como *tool of empire* e prever um Egipto inglês. (306-307) No final da monografia, a análise comparatista dos vários escritos de Eça sobre o Egipto entre si e outros textos coevos estrangeiros permite à autora sistematizar os principais temas do relato de viagem do autor (que considera)

transnacional, bem como as suas leituras antes, durante e após a viagem, corrigindo datas e percursos que guiarão, a partir de agora, o leitor do Egipto e do Oriente Mediterrânico queirobianos.

Relativamente aos paratextos, o apurado índice onomástico (355-362) facilita a consulta a investigadores que procurem figuras, topónimos, espaços e episódios específicos referidos ou convocados pela obra de Eça e pelo estudo. As 281 notas finais esclarecem, contextualizam e problematizam temáticas, indicando outras leituras ao receptor dos cinco capítulos. A Bibliografia, (336-352) dividida em estudos e fontes (manuscritos, relatos e guias de viagem) revela o quão demorada e interdisciplinar foi a investigação que permitiu produzir um livro-viagem seminal e essencial para os estudos queirobianos que revisita a famosa expedição e corrige informações imprecisas que eram até agora repetidas. A nota biográfica sobre a autora é antecedida pelo elemento paratextual que ilustra a capa (da autoria de Pedro Serpa), a lâmpada de Aladino, e que nos recorda que obras como *As Mil e Uma Noites*, referidas amiúde por Teresa Pinto Coelho, nos transportam, com o aprendiz de viajante e de escritor, para paragens longínquas, no espaço e no tempo, como que por magia da referida lâmpada. O livro em si, enquanto objecto, espelha a cuidadosa qualidade a que a Tinta da China nos habitou, da oriental lâmpada ao óculo de Eça, símbolo da curiosidade e da observação atenta por parte do viajante que encerra a obra, na contra-capa.